

# Homenagem ao Professor Jacques Velloso por ocasião da outorga do título de Professor Emérito

Bráulio Tarcísio Porto de Matos  
*Universidade de Brasília*

É uma alegria muito grande ter sido escolhido para proferir este discurso de saudação. O professor Jacques Velloso talvez não saiba disso, mas uma de suas orientandas diletas no mestrado referia-se a ele como “O Papa”, e, conhecendo essa aluna, posso assegurar que o espírito de reverência que ela nutre por seu Mestre está fundamentado nas mesmas razões que animam esta homenagem.

Ouso afirmar que a marca distintiva da atuação do professor Jacques Velloso, ao longo dessas três décadas e meia dedicadas ao ensino e à pesquisa no âmbito da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, é o *incansável zelo pelo rigor científico*. Sabemos todos que a Pedagogia, entre todos os campos de conhecimento cultivados nas Universidades, é um dos que menos se conforma a uma concepção puramente instrumental de racionalidade (a razão como escolha de meios adequados à consecução de fins ou como cálculo utilitário de consequências). Em princípio, portanto, a Pedagogia faz jus à linha de frente anti-positivista. O problema, contudo, é que a Pedagogia também está mais sujeita do que as demais áreas de saber ao risco de descurar do rigor científico de que ela necessita para melhor cumprir a sua missão. E esse problema tem de fato acometido a Pedagogia, em geral, e a Pedagogia brasileira, em particular. Tempos atrás, um famoso educador brasileiro, cujo nome não importa aqui, disse que o leitor alemão é superior ao leitor norte-americano, seja porque os norte-americanos querem fatos e não teorias, seja porque os alemães, pensando dialeticamente, valorizam a linguagem contraditória como forma compreensiva das contradições da própria realidade. Por certo, levado a efeito, esse irracionalismo destruiria a Universidade em quaisquer de suas modalidades, quer a Universidade de Ensino do Cardeal Newman, quer a Universidade de Pesquisa do Barão von Humboldt, quer a Multiversidade de Clark

Kerr. Infelizmente, porém, muitas teses tolas, especialmente quando ditas por figuras carismáticas, têm sido levadas a sério em nosso meio educacional, e, nesse sentido, a trajetória intelectual do professor Jacques Velloso, baseada no estrito respeito à lógica e aos fatos, ganha especial importância entre nós. Tal trajetória inspira uma correção de rumos no ensino e na pesquisa educacional do país.

Como pesquisador, notamos essa qualidade já em sua tese de doutorado, defendida na prestigiosa Universidade de Stanford, em 1975, intitulada *Human Capital and market segmentation: an analysis of distribution of the earning in Brazil*. Submetendo a exame rigoroso a chamada Teoria do Capital Humano, e apontando deficiências explicativas associadas à aplicação dessa teoria ao entendimento do desenvolvimento econômico brasileiro da década anterior, a exemplo dos famosos estudos de Carlos Langoni e de Cláudio de Moura Castro, publicados no início dos anos 70, a tese defendida pelo professor Jacques Velloso tornou-se referência obrigatória no campo da economia da educação brasileira. Confesso-lhes que até hoje, entre as teses tão díspares quanto bem fundamentadas de Langoni, Moura Castro e de Jacques – acerca do peso relativo pelo “capital humano” e pela política salarial no *take-off* da economia brasileira – meus neurônios balançam.

Tal zelo pelo padrão de qualidade das pesquisas que realiza ou supervisiona tenho tido o privilégio de testemunhar nos quinze anos de convivência próxima com o professor Jacques Velloso no âmbito de nossa faculdade. Coordenador técnico de um grupo de pesquisas liderado pelo professor Jacques Velloso, nunca me esquecerei dos incontáveis e-mails que recebi dele por volta das cinco horas da manhã, demonstrando que ele passara a noite analisando ao limite da exasperação os dados de nossa pesquisa. Imagino também que os mais de trinta mestrandos(as) que obtiveram seus títulos sob a orientação do professor Jacques Velloso muito terão aprendido não apenas pelo aconselhamento seguro do Mestre, mas também, e sobretudo, pela força do exemplo dado por ele ao se dedicar de corpo e alma às investigações em curso. E o mesmo vale para os milhares de alunos e alunas de graduação que o professor Jacques Velloso ajudou a formar ao longo de todos esses anos, tendo em vista que ele sempre fez questão de atuar nesse nível de ensino e sempre incentivou jovens talentos a buscar aprimoramento na pós-graduação.

E não posso deixar de destacar aqui, ao lado da excelência acadêmica conferida às atividades de ensino e de pesquisa, a contribuição dada pelo professor Jacques Velloso no exercício de diversos cargos na universidade. Foi Chefe de Departamento, Coordenador de Pós-Graduação e membro de Conselhos Superiores da instituição. Ademais, foi membro da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação entre os anos de 1996 e 2000. O amigo Jacques sabe de meus pendores: liberal em economia, social-democrata em política, anarquista em cultura e conservador em religião. Quero

ser o primeiro, porém, a externar admiração por sua militância perseverante em favor do aprimoramento do ensino superior em nosso país, tanto no que se refere à qualidade quanto no que se refere à justiça do acesso a esse nível de ensino. Em um ensaio luminoso, intitulado *Verdade e Política*, comparável aos memoráveis ensaios de Max Weber, *A ciência como vocação* e *A política como vocação*, Hanna Arendt bem observa que a “política da verdade” não é simétrica à “verdade da política”, sendo a primeira de natureza contemplativa e a segunda de natureza volitiva. Para o bem ou para o mal, contudo, alguém terá sempre que se dedicar à articulação e à definição dos termos de convivência entre a universidade e o mundo lá fora. Melhor que assumam, pois, essa tarefa aqueles que, como o professor Jacques Velloso, acreditam que políticas públicas que favorecem a política da verdade são as que melhor atendem as expectativas da universidade em relação à comunidade e vice-versa. Por isso, gostaria de finalizar esta breve saudação dedicando ao homenageado a descrição que Hanna Arendt nos oferece daqueles que, como o próprio professor Jacques, optam diuturnamente pela política da verdade. Ao destacar a importância crucial dessa forma de política na *magistratura*, na *academia* e no *jornalismo*, a grande filósofa alemã nos diz (em linguagem não contraditória):

Está fora de dúvida que todas estas funções politicamente importantes são realizadas do exterior do domínio político. Requerem o não-envolvimento e a imparcialidade, a libertação do interesse pessoal no pensamento e no juízo. A procura desinteressada da verdade tem uma longa história; a sua origem precede, de modo característico, todas as nossas tradições teóricas e científicas, incluindo a nossa tradição do pensamento filosófico e político. Penso que é possível fazê-la remontar ao momento em que Homero decidiu cantar as ações dos Troianos não menos que as dos Aqueus, e celebrar a glória de Heitor, o adversário e o vencido, não menos que a glória de Aquiles, o herói do seu povo. Isso nunca se tinha verificado antes; nenhuma outra civilização, qualquer que fosse o seu esplendor, tinha sido capaz de considerar com igual olhar o amigo e o inimigo, o êxito e a derrota – que, desde Homero, não foram reconhecidos como critérios decisivos do juízo dos homens (sic), mesmo que sejam decisivos para os destinos humanos. A imparcialidade homérica ecoa através de toda a história grega e inspirou o primeiro contador da verdade de facto, que se tornou pai da história: Heródoto conta-nos em todas as frases iniciais das suas histórias que tem o objetivo de ‘impedir as grandes e gloriosas ações dos Gregos e dos Bárbaros de perderem o tributo de glória que lhes é devido’. Isso é a raiz daquilo a que se chama objetividade – essa paixão curiosa, desconhecida fora da civilização ocidental, pela integridade intelectual a qualquer preço. Sem ela nenhuma ciência teria podido existir. (Arendt, 1995, p. 57-58)

Meus parabéns ao professor Jacques Velloso pela merecida honraria, muito obrigado pelo privilégio de sua amizade, e grato a todos e todas pela atenção.

Brasília, 06 de abril de 2010.

## Referências

Arendt, Hannah. *Verdade e política*. Lisboa: Relógio D'Água, 1995.

---

**Bráulio Tarcísio Porto de Matos**, doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília e estudos de pós-doutorado na University of Sussex, Inglaterra. Professor do Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação da UnB. Foi editor dos números 1 a 6 da revista Linhas Críticas no período de 1995 a 1998.

---